



## Trabalho 1927

### **ÉTICA DO TRABALHO NA PRÁTICA DA ENFERMEIRA: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE**

Fabiana Regina Dória de Lira<sup>1</sup>

Simone da Silva Oliveira<sup>1</sup>

Darci de Oliveira Santa Rosa<sup>2</sup>

O mundo do trabalho tem acompanhado as mudanças dos modos de produção ocorrentes no século XX; reproduz a tendência mercadológica do capitalismo que aproxima o homem do interesse no aumento da produção; da busca do capital que gera capital; da precarização do vínculo de trabalho; da moral corrompida pelos interesses individuais do trabalhador no seu ambiente de trabalho. Trata-se de um ensaio que oportunizou discussões sobre a temática e que nos fez remeter ao nosso trabalho diário na área assistencial da enfermagem. Diante desse contexto emerge o questionamento: Quais as implicações do declínio da ética do trabalho na prática da enfermeira nos dias atuais? O estudo objetiva contextualizar a trajetória e tendências do mundo do trabalho e as implicações do capitalismo na ética do trabalho da enfermeira, a qual se torna influenciada pelo contexto sócio político-econômico, acompanhando as transformações do Brasil e do mundo. Para busca dos referenciais teóricos foram utilizados artigos e textos de bases de dados eletrônicos, efetuado um mapeamento da literatura selecionada, analisando aquelas que abordavam a ética do trabalho, o trabalho da enfermeira no panorama brasileiro e mundial. Para contextualização, fizemos uma breve revisão histórica sobre a ética do trabalho e sua contemporaneidade no contexto da prática de enfermeira. Sociologicamente falando, existem mecanismos que podem assegurar que o trabalho desempenha um papel principal na organização de uma existência pessoal: (a) no nível da integração social, o trabalho pode ser normativamente sancionado como um dever, ou (b) no nível da integração sistêmica, pode ser colocado como uma necessidade. No entanto, na primeira opção o trabalho traduz o conceito de uma vida correta e moralmente boa; no segundo ponto; é a simples condição de sobrevivência física<sup>(1)</sup>. Logo a perda do significado e da centralidade do trabalho teria que ser conseqüentemente demonstrada e explicada através de fatores e evoluções que tornassem inoperante um dos mecanismos (ou os dois). Neste sentido, já não se encontra no nosso cotidiano os valores atribuídos ao trabalho, que foram expressos em outro momento na construção social, pois já não temos a centralidade do trabalho como a mola mestra que dá sentido a vida social, mas busca-se, através deste, a obtenção da competitividade; da produção em massa, da construção de uma sociedade que embasa as relações de consumo. O trabalho como mercadoria, defendido pelos detentores do capital, não tem valor ou sentido para o trabalhador que se vê impedido de exercer sua liberdade e criatividade no trabalho exercendo suas funções com um sentimento de estranheza perante o todo, ou seja, alienado<sup>(2)</sup>. Assim, o sentido do trabalho, por sua atribuição psicológica e social, varia, na medida em que derivam do processo de atribuir significados e se apresenta associado às condições históricas da sociedade. É um construto sempre inacabado, estando em modificações constantes. A eficácia econômica do sistema de mercado passou a ser o critério supremo para todos os juízos morais. A ética capitalista é uma "ética" reduzida a uma questão puramente técnica, defende a ideia de que o bem estar da coletividade é obtido se apelarmos não ao altruísmo das pessoas, mas à defesa de seus interesses em relações de mercado. Sendo assim, no mundo do trabalho atual emerge questionamentos constantes a citar: Como ter uma prática ética dentro destas relações de trabalho da

<sup>1</sup> Enfermeiras. Mestrandas do Programa de Pós Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. E-mail: [fabidlira@gmail.com](mailto:fabidlira@gmail.com)

<sup>2</sup> Enfermeira. Pós Doutora. Docente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFBA.



## Trabalho 1927

enfermeira? Como romper com o esse mal ético que está na bárbarie das relações humanas, no cerne da nossa civilização? Estes questionamentos faz refletirmos que os fundamentos da ética estão em crise no mundo ocidental; o sentido da responsabilidade encolheu e o sentido da solidariedade enfraqueceu-se. O tempo útil do trabalho produtivo deveria funcionar como um "relógio moral" que cada indivíduo levaria dentro de si, no entanto o uso do tempo que não de forma útil e produtiva, conforme o ritmo imposto pelas empresas passou a ser sinônimo de preguiça e degeneração. Só o trabalho produtivo, fundado na máxima utilização do tempo dignificava o homem. Nesse sentido a enfermeira acompanha o aumento da intensidade da jornada de trabalho, o trabalho flexibilizado e precarizado, a sobrecarga de trabalho, a produtividade, o tempo reduzido e destinado à realização de procedimentos, acompanhando o cerne do modelo biomédico. Em um mercado onde as instituições de saúde mudam rapidamente, não há tempo para criação de vínculos, entre os funcionários e nem entre clientes e funcionários. Um aspecto importante da vinculação entre clientes e profissionais, é que, quando uma relação se consolida, implica diretamente na credibilidade e aceitação da instituição pela comunidade, então em longo prazo há uma possibilidade de criação de laços fortes e disposição para estabelecer compromissos com os outros. Em algum momento a seta do tempo se partiu, não havendo trajetória numa economia política que é continuamente replanejada, que detesta a rotina, e de curto prazo<sup>(3)</sup>. As pessoas sentem falta de relações humanas constantes e objetivos duráveis. Neste sentido a estrutura organizacional dos serviços de saúde que possuía uma estrutura de pirâmides passou a ter uma conformação de redes, onde as promoções e demissões baseiam-se em regras nítidas e fixas, com tarefas de trabalho não claramente definidas, para os profissionais de saúde, entre elas enfermeiras. Medidas podem ser tomadas por chefias diretas, sem necessariamente passar pelas instâncias maiores. Emerge uma estrutura organizacional que é constantemente redefinida, e tende a afrouxar os laços sociais fazendo com que haja a "força de laços fracos". Outra característica do mercado de trabalho atual é a trabalho em equipe, onde o trabalhador é incentivado a adaptar-se às circunstâncias, ser cooperativo e bom ouvinte. No campo da saúde o trabalho é em equipe e entre equipes. Para o trabalho em conjunto é necessário um funcionamento harmônico dentro da equipe e entre elas, para que o objetivo do paciente seja atendido. Vivemos um momento de crise do capitalismo, um momento de transição que coloca em alvo novas discussões; novos fundamentos éticos. Os tempos modernos produziram deslocamentos e rupturas éticas na relação indivíduo/sociedade, proporcionando um fracasso da consciência ético/moral, no mundo do trabalho da enfermeira, diante da realidade do capitalismo fragmentado. Desta forma, para uma vida cheia de sentido fora do trabalho da enfermeira, é necessária uma vida dotada de sentido dentro do trabalho. Não é possível compatibilizar trabalho assalariado, fetichizado e estranhado com satisfação, realização e pertença que trazem sentido para a vida dos indivíduos. "Uma vida desprovida de sentido no trabalho é incompatível com uma vida cheia de sentido fora do trabalho"<sup>(4)</sup>.

**PALAVRAS CHAVES:** Ética, Trabalho, Enfermagem.

### REFERÊNCIAS

1. Offe C. Trabalho: A categoria sociológica chave? In C. Offe. *Capitalismo desorganizado*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
2. Marx K. O Capital: Crítica da Economia Política. Livro 1. Vol I. 13a edição, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1989.
3. Sennet R. A corrosão do caráter: consequências pessoais novo capitalismo. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 2010.
4. Tolfo SR, Picinini V. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia & Sociedade*. Edição Especial. 2007; 19(1): 38-46.